

ROMPENDO COM O RACISMO IMAGÉTICO NAS ESCOLAS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE IMAGENS E EDUCAÇÃO

Marcos Borges dos Santos Júnior
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
cunhajp2013@gmail.com

Marco Aurélio da Conceição Correa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
marcao_cp2@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho aborda a imagem como precursor de múltiplas informações entorno de quem as olha, demonstrando a imagem como criadora de diferentes possibilidades narrativas para constatar a não neutralidade de quem as produziu, portanto, trazendo reflexões e inflexões sobre o tema debatido. Evocando as imagens como meio de comunicação de massa, entende-se que os saberes perpassados expõem alguns dos apontamentos sobre o comportamento do indivíduo perante a sociedade. Perguntas surgem: Quem as produziu? Por que? Quais as mensagens que as pessoas que as criaram queriam transmitir? Neste caso, guiando-se por estas perguntas procuram-se a elucidar alguns destes questionamentos. Advogamos do auxílio de duas imagens fotografadas numa instituição de ensino em Duque de Caxias, na baixada fluminense, que demonstra atividades realizadas, desta maneira promovendo um debate sobre o dia da consciência negra (20 de novembro). Proponhamos em tal caso adentrar nas respectivas subjetividades que se pode extrair. Compreendem-se as imagens reveladoras para as subjetividades referidas: ideologias eurocêntricas criando/resultando na degradação do ser negro e ser negra – surgindo termos como “moreno, mulato, mestiço” dentre outros. Pensando em outras possibilidades nas escolas, apresentamos três fotógrafos: Seydou Keïta, Marcela Bonfim e Safira Moreira, que com suas fotografias, imagens, sons e narrativas fazem pensar em possíveis reflexões para as escolas sobre a presença ser negro em imagens rompendo com a idéia de inferioridade negra assim reforçando o caráter de resistência e criação das subjetividades negras. Deste modo indo na contramão de informações que nos aprisionam pelas imagens, trazemos estas reflexões.

Palavras-Chave: Imagens, cotidianos escolares, racismo, estereótipo, possibilidades pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a imagem como precursor de múltiplas informações entorno de quem as olha, demonstrando a imagem como criadora de diferentes possibilidades narrativas para constatar da não neutralidade de quem as produziu, portanto, trazendo reflexões e inflexões sobre o tema debatido. Evocando as imagens como meio de comunicação de massa, entende-se que os saberes perpassados expõem alguns dos apontamentos sobre o comportamento do indivíduo perante a sociedade. Perguntas surgem: Quem as produziu? Por que? Quais as mensagens que as pessoas que as criaram queriam transmitir?

Desta forma, para iniciar as discussões sobre a potência das imagens dialogamos com Alves (2001) sobre os posicionamentos da

imagem no decorrer da história ocidental e a não existência de uma imparcialidade. Reconhecendo os cotidianos como *espaçostempos* de criação constante de *conhecimentossignificações* através das interações com diferentes experiências, memórias, narrativas e artefatos culturais.

No contexto brasileiro, as imagens criadas pela elite dominante, segundo Sodré (1999) criam e consolidam o imaginário social que inferioriza a população de descendência africana. É preciso assim, pensar em outras possibilidades para os cotidianos escolares e as imagens.

Neste caso, guiando-se por estas perguntas procuram-se a elucidar alguns destes questionamentos. Advogamos do auxílio de duas imagens fotografadas numa instituição de ensino em Duque de Caxias, na baixada fluminense, que demonstra atividades realizadas, desta maneira promovendo um debate sobre o dia da consciência negra (20 de novembro), proponhamos em tal caso adentrar nas respectivas subjetividades que se pode extrair.

Compreendem-se as imagens reveladoras para as subjetividades referidas: ideologias eurocêntricas criando/resultando na degradação do ser negro e ser negra – surgindo termos como “moreno, mulato, mestiço” dentre outros. A subjetividade destas imagens transparece os pensamentos eurocêntricos que se guiam pela dominação e hierarquização, seja pela estética, cultural ou epistemológica dos que subjagam os não-europeus. Portanto as imagens portadoras de memórias, vivências e acontecimentos dos *espaçostempos*, fazem-nos pensar o contexto que as são apresentados, como as imagens que serão analisadas.

Para pensar em outras possibilidades nos cotidianos escolares, apresentamos três fotógrafos: Seydou Keita, Marcela Bonfim e Safira Moreira, que com suas fotografias, imagens, sons e narrativas nos fazem pensar em possíveis reflexões para as escolas sobre a presença dos corpos e mentes negras em imagens que rompam com a idéia de inferioridade negra e assim reforçando o caráter de resistência e criação das subjetividades negras.

Deste modo indo na contramão de informações que nos aprisionam pelas imagens, atentando-se das armadilhas racistas, assim revelando o racismo que algumas imagens podem conter.

1. CRIANDO COM IMAGENS: ALGUNS CONCEITOS INICIAIS

Em nossos cotidianos, possuímos muitas experiências que são influenciadas por imagens. Este contato com diferentes estímulos, desde a nossa tenra idade, é o que nos define como nós mesmos. É a partir das interações com os

diferentes meios que um ser se define como ele mesmo, não através de uma essência pré-biológica que define a psique humana. E a memória que criamos destas experiências, desde a infância, influenciam nossas decisões pelo resto da vida. Tida a pluralidade destas experiências também podemos tentar definir o que chamamos aqui de imagem.

Assim, para as imagens, podemos defini-las em diversas categorias: fotografias, gravuras, desenhos, textos, narrativas, vídeos, filmes, pensamentos e muitas outras formas de percepção que não se limitam somente através de nossa visão. Estas imagens que nos definem, não são simplesmente uma mera representação do mundo que vivemos como se fosse um recorte transposto isento de finalidade e intencionalidade. As imagens de nossos cotidianos são criações dos próprios protagonistas deles, todos com suas opiniões, posicionamentos e intenções. As imagens são sistemas simbólicos que possuem suas representações e interpretações.

Na sociedade em que vivemos, na qual a imparcialidade é um discurso feito para se atingir uma invisibilização dos poderes que impedem o acontecimento de fato da teoria democrática, assumir a idéia da criação de imagens como neutra é não reconhecer toda sua potência.

Por muito tempo, em uma sociedade que foi formada em torno do sentido da visão e da perspectiva, não se teve clareza da importância da imagem para a compreensão e o conhecimento da realidade, em especial, porque isso exigiria, junto à crítica da mesma, a indicação da possibilidade de superação da própria lógica dominante, que tinha aquele sentido e aquele parâmetro como definidor da realidade e da veracidade. (ALVES, 2001, p.2).

Aí está presente umas controvérsias do pensamento hegemônico sobre as imagens, apesar de ser formada através da visão e perspectiva – superioridade dos textos, das idéias iluminadas sobre outras formas de perceber o mundo – não é reconhecido que as próprias outras formas de imagens influenciam os indivíduos cotidianamente. Pois o próprio cotidiano não é *locus* de conhecimento, mas somente os espaços científicos formais como universidades, laboratórios, escritórios, dentre outros.

Reconhecer as influências das imagens, das experiências, das memórias, dos sentidos e afetos e outras formas de se interagir no mundo como propulsoras de criação de *conhecimentossignificações* é uma forma de romper com a hierarquização proposta pela ciência dita como moderna. É romper com a forma do pensamento causal, linear, fragmentado e compartimentado, com a idéia do conhecimento em árvore e propor uma outra idéia, os conhecimentos sendo tecidos rizomaticamente por redes que se compõem sincronicamente (ALVES, 2001).

Contemporaneamente, as imagens tomam

outra posição nos discursos, é impossível negar na sociedade da informação em que vivemos a potência das imagens na concepção de nossos imaginários coletivos. Porém, ainda é deixado de lado a devida importância as criações cotidianas, principalmente aquelas de grupos sociais excluídos socialmente. É esse caminho que decidimos propor aqui.

Tomando como paralelo o contexto das relações raciais brasileiras, o caso do estudo das imagens nos é bem pertinente para analisarmos nosso estudo. Muniz Sodré em seu livro *Claros e Escuros* (1999) argumenta sobre o imaginário social composto pelas elites de forma hierárquica que subjuga a população negra brasileira, desde o tempo da escravidão, a um patamar inferior em nossa sociedade. Essa relação assimétrica de poder justifica esta hierarquia através das imagens.

Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constroem identidades virtuais a partir, não só da negação e do recalcamento, mas também de um saber de um senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem os estereótipos e as folclorizações em torno do indivíduo de pele escura. (SODRÉ, 1999, p. 246).

Encontra-se assim, uma série de controversas no pensamento hegemônico brasileiro. As imagens, apesar de desacreditadas, são o próprio veículo que proporcionam o conforto das elites em seu poder, através do domínio e do controle dela nas representações nos noticiários, nos filmes, nas literaturas e outras formas midiáticas.

Não nos cabe somente elencar as formas de dominação que existem em nossa sociedade, mas denunciando o diagnóstico podemos pensar em formas contrárias a esse sistema simbólico. E foi desta maneira que as subjetividades negras se permaneceram vivas no Brasil e no restante da diáspora africana, apesar de todas as formas de cerceamento e controle, rizomaticamente, quase que sorrateira, as expressões culturais e tradições africanas sobreviveram e se transformaram em artefatos primordiais na definição da identidade nacional.

É desta forma que a escola age na sociedade brasileira também, invisibilizando o seu posicionamento político através de uma suposta neutralidade do discurso, e por seguidas políticas de descaso e sucateamento do aparato público, a escola acaba por reproduzir o discurso imagético racista das hegemonias políticas. É necessário se pensar na potência das imagens em nossa sociedade para possamos reconhecer as formas de perpetuação de discursos colonialistas e também pensarmos em outras possibilidades pedagógicas que promovam uma ruptura dos ideais racistas.

2. A FOTOGRAFIA COMO PRECURSOR DE IDÉIAS

As fotografias são portadoras de informações, resgatam lembranças,

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br

geram memórias, criam possibilidades de narrativas, logo não são objetos, neutros ou sem historicidade. Estão marcadas por quem as produziu, pelo contexto recortado, pelos retratados, mas também por quem as observa, produzindo outros/novos sentidos para sua existência. (MOTA; PACHECO, 2005, p. 7).

Ao comentarmos sobre fotografias, recordamos dos nossos pensamentos as fotos observadas no dia a dia: nas redes sociais, na coleção de porta-retratos, no celular, dentre outros. Cerca de 125 bilhões de imagens foram compartilhadas em 2013 na internet¹, no mesmo estudo constatou que 109,5 bilhões de fotos foram publicados no *Facebook* (rede social) em 2013, e em 2015 o *Instagram* (rede social) anunciou que mais de 80 milhões de fotos são publicadas diariamente². Todas carregadas de significados, histórias e contextos, mas por diversas vezes esquecidas no oceano de imagens. Estas imagens, são marcadas pela vivência do fotógrafo que o produziu, (re)significando o conteúdo encontrado nelas.

Surgem então questionamentos entorno das imagens: porque as pessoas produziram? Qual o significado daquelas fotos? Elas queriam impactar as pessoas que iriam ver? Por que? Somos condicionados pelo *espaçotempos* a termos opiniões formadas, ao encontro do “momento reproduzido/aprisionado pelo fotógrafo” (PACHECO, 2001, p. 45), portanto, encaminhados gentilmente a esquecermos que “há mais vida e histórias ali presentes do que a aparente realidade nos é capaz e mostrar/induzir” (PACHECO, 2001, p. 45).

Fato é que as imagens utilizadas como meios de comunicação da massa produzem diferentes manifestações culturais, repercutindo os pensamentos e as ações da sociedade (NETO, 2014), conseqüentemente, através das análises de imagens podemos levantar alguns apontamentos sobre o comportamento da sociedade.

Na verificação das imagens, por exemplo, uma imagem advinda de uma instituição de ensino, que propunha uma atividade sobre o dia da consciência negra, uma vez que o contexto nos mostra crianças brancas (e que são consideradas brancas) utilizando *blackface* (caracterização para imitar negros) a sociedade pode nos trazer alguns questionamentos: O que a foto nos mostra/induz para uma prática racista (*blackface*) sobretudo reproduzindo e reafirmando estereótipos sobre o fenótipo negro, vai além do que a imagem quer constatar? O fotógrafo... não, todo o contexto na produção da foto foi constatar outra percepção? Questionamentos surgem, mas afirmo a foto não é neutra, ela detém um posicionamento acerca do que se quer transmitir.

¹Fonte: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/por-ano-125-bilhoes-de-imagens-sao-compartilhadas-na-rede-8301345>>. Acessado em: 22/06/18.

²Fonte: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/09/instagram-e-usado-por-400-milhoes-por-dia-sao-80-milhoes-de-fotos.html>>. Acessado em: 22/06/2018.

Pois bem, advogo da declaração universal dos direitos humanos³ e a constituição de 1988 do Brasil⁴ para dialogar com esta linha de pensamento. A livre manifestação para gozar dos direitos e as liberdades estabelecidas nesta declaração (que inclui a propagação de imagens) se promulga por não propagar quaisquer atos discriminatórios (no caso, estaria ferindo se levarmos em conta o genocídio estético, cultural e epistemológico do negro que vem ocorrendo a mais de 400 anos no Brasil), ou seja, a foto diante do contexto histórico que se encontra no Brasil estaria ferindo com a constituição de 1988 por promover e reafirmar estereótipos sobre o fenótipo negro, levando ao ato discriminatório. Por fim, a foto dentro da não neutralidade pode promover diferentes perspectivas como está ou conduzir à pessoa a outra linha de pensamento.

3. REFLEXÕES E INFLEXÕES ACERCA DA IMAGEM: ORACISMO



Fig. 1 – O cabelo de Lele



Fig. 2 – Menina bonita do laço de fita

³Fonte: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acessado em: 22/06/2018.

⁴Fonte: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em: 22/06/2018.

Agora, trazendo um recorte destas imagens de duas atividades desenvolvidas dentro de uma escola em Duque de Caxias⁵, na baixada fluminense, promovendo o dia da consciência negra (20/11), dialogarei um pouco com as ideologias perpassadas através das imagens mostrando como é a representação negra.

Dentre as duas atividades propostas, os títulos de fundo que compunham as fotos eram na Fig. 1 “Menina bonita do laço de fita” do mesmo título de um livro de Ana Maria Machado e na Fig. 2 “O cabelo de Lelé”, livro escrito por Valéria Belém, todas ressaltando a valorização da beleza negra. Analisando os títulos postos nas fotos, podemos pressupor que a atividade se trata da valorização da estética negra. Assim a aplicação da técnica *blackface* auxiliou na representação do negro.

A representação do negro nas fotos caberia na estética – pele escura, cabelo crespo, nariz e lábios grandes –, portanto, se restringindo ao fenótipo. Este pensamento sobre ser o negro advém de ideologias eurocêntricas em que dividi e desqualifica todos os povos não europeus criando/resultando em gradações (NOGUERA, 2014). Mas que gradações seriam? A construção do “mulato” e de todos os “termos” que tentaria se distanciar do ser negro. Peguemos a primeira foto como exemplo. A estudante de pele escura a pintaram de preto, demonstrando que ela não seria negra se diferenciando dos demais, portanto, “estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro” (NASCIMENTO, 2016, p. 83). A atividade... o sistema educacional funcionaria como mecanismo para não construção identitária do negro, perpassando nos níveis do ensino fundamental, médio e universitário, as discriminações estéticas, culturais e epistemológicas contra o negro (NASCIMENTO, 2016). Dentro deste sistema educacional, o regente dos conhecimentos perpassados é transmitido pelos currículos escolares, sendo “um elemento-chave na disputa e na manutenção da hegemonia” (NOGUERA, 2014, p. 23). Dessa maneira, nos é apontado:

[...] a invenção do negro como concebemos nos dias atuais passa, necessariamente, pelo crivo das conceituações européias que visavam ditar a totalidade do “outro”. A busca de entender e conceituar a totalidade de povos não europeus tem um intuito: o de dominação. (JESUS, 2017, p. 1)

Dentre estas atividades das fotos, a subjetividade nos mostra ideologias eurocêntricas que visam a dominação, seja estética, cultural ou epistemológica para o não reconhecimento do ser negro, dividindo e hierarquizando os mesmos. De fato, ao elencarmos estes pontos

⁵Fonte: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/imagens-que-mostram-criancas-com-rostos-pintados-de-preto-em-escola-sao-criticadas-no-rj-22087197.html>>. Acessado em: 22/06/2018.

percebe-se a extração de informações das imagens que podemos vivenciar constantemente, nos dando a oportunidade de (re)avaliarmos nossas (re)ações.

4. POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS INDO ALÉM DAS IMAGENS ESTEREOTIPADAS

Pensando em possibilidades que fujam deste imaginário racista, que constantemente retrata estereótipos em imagens e fotografias, selecionamos três fotógrafos negros, cada um representado por uma fotografia, para apresentarmos imagens que capturam realidades distante da estereotipação. Ressaltamos aqui a importância de selecionarmos fotografias de artistas de pele negra, já que apesar da quantidade e qualidade de fotógrafos negros, ainda existe um déficit do reconhecimento das pessoas negras atrás das câmeras.

O primeiro fotógrafo que trazemos para a conversa é o malinense Seydou Keïta⁶. A carreira do artista é tão repleta de significados para nosso estudo que é difícil de elencar a sua contribuição para nossa reflexão. Seydou Keïta (1921-2001) começou a sua trajetória como um dos únicos fotógrafos de estúdio de Bamako, capital do Mali, até o momento das revoluções de independência africana, o domínio das imagens era europeu, somente eles tinham direito a portar câmeras e usá-las. Keïta foi um dos pioneiros nesta arte de fotografia de estúdio, políticos, advogados, professores e cidadãos comuns procuravam suas lentes e indumentárias para reafirmar suas identidades, mesmo que utilizando de artefatos associados a colonização, como o terno e gravata, o importante era subverter essa ideia ocidental e afirmar a sua independência. As fotografias que mais ganham destaque de sua produção são as das grandes famílias, todas ornamentadas com as belas vestes tradicionais africanas. Keïta representa a união entre o tradicional e o moderno, a interseção que marca este período de transição da África no decorrer dos anos 60. Enquanto no interior do continente muitos tinham medo das câmeras achando que poderiam “roubar” suas almas, outros movidos pela curiosidade e pelo desejo de serem notados faziam a fotografia como propulsor.

⁶Para conhecer mais sobre o trabalho do artista: <<http://www.seydoukeitaphotographer.com/>>. Acessado em: 22/06/2018.



Fig. 3 – Mulheres africanas em vestes tradicionais

Para o contexto escolar as fotografias de Seydou Keita são uma possibilidade de se pensar a descolonização como um processo não isolado apenas nas revoluções de independência, mas sim um processo contínuo que se dá até os dias de hoje e acontece principalmente no sublime contexto da diáspora. A descolonização do olhar é uma forma de perspectiva de encarar as fotografias não somente como uma representação imagética de um continente estigmatizado como a África, existem diversas potências atrás de uma imagem.

Marcela Bonfim⁷ é uma fotógrafa que faz uso da sua própria trajetória de vida como inspiração para suas imagens. Suas fotografias são um profundo mergulho nas correntezas das águas das identidades. Nascida em Jaú no interior de São Paulo, a fotógrafa diz que só se afirmou como negra plenamente quando foi morar em Rondônia nos limites da diversa Floresta Amazônica. A afirmação da sua identidade acontece exatamente na relação com o outro, Marcela se distancia da metrópole Paulistana e de sua formação em economia para dedicar seu foco à fotografia. A viagem da artista foi em busca não somente da alteridade, mas foi também uma descoberta da potência das diferenças e das imagens.



Fig. 4 – Feitas de Terra, Meninas Cinta Larga do Roosevelt. Espigão do Oeste, RO (2015)

⁷Para conhecer melhor o trabalho da artista: <<https://www.marcelabonfim.com/re-conhecimento>>. Acessado em: 22/06/2018.

Ao começar a fotografar as comunidades quilombolas e indígenas e suas expressões culturais, Marcela descobre uma *Amazônia Negra*⁸, nome que virou uma mostra de fotografia que retrata essa sua viagem imersa nas experiências culturais do Amazonas. Nesta busca, além de descobrir uma matriz negra na Amazônia, Marcela descobre e capta com suas imagens as diversas subjetividades indígenas que estão distantes e apagadas de nossos centros urbanos. Os indígenas, assim como a população negra, lutam historicamente contra os estigmas impostos hierarquicamente. Introduzir fotografias dessa série possibilitam a discussão sobre outras formas de se sentir o mundo, diferentes formas de se pensar e organizar a vida em comunidades, pressupostos da lei 11.645/09 que institucionaliza a obrigatoriedade da inserção de culturas e histórias indígenas nas escolas.

A fotógrafa Safira Moreira⁹ é mais uma representante do emergente grupo de profissionais negros do audiovisual que vem roubando a cena atualmente. Safira capta com sua câmera as distantes memórias de famílias afro-brasileiras, a memória é um conceito muitas vezes apagado ou inexistente na história de vida de muitas dessas famílias. Na diáspora foi necessário recriar essa idéia de família devido a todas as dificuldades originadas pela escravidão, estendendo assim a idéia que temos consanguinidade para as famílias, na diáspora negra as famílias são expandidas. Além de trabalhar com fotografias que lidam com a questão da ancestralidade, Safira trata do sagrado no corpo feminino e a relação de comunhão com a natureza, ligações sagradas para as concepções tradicionais africanas. O destaque que damos ao trabalho de Safira aqui é com o seu curta metragem *Travessia* (2017) que lida exatamente com estas questões de fotografia, família, ancestralidade e o feminino.



Fig. 5 – Imagem do curta *Travessia* (2017)

⁸Fonte: <<http://amazoniareal.com.br/a-amazonia-negra-de-marcela-bonfim-3/nggallery/image/marcela-bonfim11/>>. Acessado em: 22/06/2018.

⁹Para conhecer melhor o trabalho da artista: <<http://cargocollective.com/safiramoreira>>. Acessado em: 22/06/2018.

Apesar de não ser de fato uma fotografia o filme *Travessia* apresenta histórias não contadas sobre famílias negras retratadas através de velhas fotografias, possibilitando se pensar na contemporaneidade a potência das famílias negras que resistiram e ainda resistem a todas as dificuldades de se ter a pele negra no Brasil. Reforçar a família negra como uma fonte dos valores tradicionais africanos e afro-brasileiros é uma forma de romper com o racismo imagético cotidiano.

O cinema criado por mentes negras é mais um artefato insurgente na contemporaneidade, seguindo o legado de cineastas da diáspora como o senegalês Ousmane Sembene, a estadunidense Julie Dash, e a brasileira Adélia Sampaio, diversos cineastas inspiram-se nas imagens e sons em movimentos para repensar o paradigma da representação negra no audiovisual, como retratado pelos boletins do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA)¹⁰. A praticidade do acesso a produção e a distribuição de filmes com os adventos na tecnologia da comunicação, aliado a constantes mostras e festivais como o Encontro de Cinema Negro Brasil África e Caribe Zózimo Bulbul¹¹, em referência ao pioneiro cineasta brasileiro organizado pelo Centro AfroCarioca de Cinema negro, são exemplos das potências da imagens pensadas, elaboradas e compartilhadas por pessoas negras na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? (NASCIMENTO, 2016, p. 113).

No dia 09 de janeiro de 2003 foi promulgada a lei n° 10639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da “história e cultura afro-brasileira” e de outras providências, mas vale salientar que de nada adianta a promulgação da lei se as instituições de ensino não se propuserem a (re)pensar as práticas que perpetuam o racismo.

A imagem traz memórias, experiências, vivências que despertam posicionamentos acerca daqueles *espaçostempos*, portanto, trazendo a não neutralidade de quem as fez, mas deixando que nos recriemos o acontecimento. Pensamos então no contexto que as imagens nos são trazidas, como as citadas noutro capítulo, apresentando a imagem do que acontece nas instituições de ensino.

Para ir contra o de informações adestradoras da subjetividade (MIRANDA, 2000) perpassadas pelas fotos devemos nos precaver das armadilhas racistas, portanto, compreender

¹⁰Fonte: <<http://gema.iesp.uerj.br/boletins/>>. Acessado em: 22/06/2018.

¹¹Fonte: <<http://afrocariocadecinema.org.br/os-encontros/>>. Acessado em: 22/06/2018.

o contexto que os *espaçostempos* nos proporcionam.

É preciso se pensar além do que está visível nas imagens, reconhecendo toda a multiplicidade que está presente atrás delas e também nos cotidianos escolares, precisamos pensar em outras possibilidades para toda essa estereotipação que acontece com os corpos e mentes negras quando representados nas imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda. **Imagens das escolas: sobre** redes de conhecimentos e currículos escolares. Educar, Curitiba, n. 17, p. 53-62. 2001. Editora da UFPR.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 02/05/2018.
- _____. **Nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 24/06/2018.
- JESUS, Fernando Santos de. **O negro no livro paradidático**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- MIRANDA, Luciana L. O protagonismo juvenil – fragmentos de um olhar. In: FILÉ, V. (org). **Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MOTTA, Aldenira; PACHECO, Dirceu Castilho (orgs.). **Escolas em imagens**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas/Biblioteca Nacional, 2014.
- PACHECO, Dirceu Castilho. **Avaliação Tropical – Prova, que gosto tens?**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Proped, Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral**, Contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- SILVA NETO, Antonio Argolo. A africanidade em Jequié e sua visualidade nas ações do ODEERE. In: SANTANA, M. de., NETO, A., S., FERREIRA, E., D., NASCIMENTO, W. S. **ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1999.